

Amanda Ripley

As crianças mais inteligentes do mundo

e como elas chegaram lá

TRADUÇÃO Renato Marques



90053

Apêndices

1. Como identificar uma educação de alta qualidade

Como a maioria dos jornalistas, não gosto de dar conselhos. Prefiro simplesmente relatar histórias de outras pessoas e deixar que cada um tire suas próprias conclusões. Isso é melhor para todo mundo.

Mesmo assim, aonde quer que eu vá, pais me pedem sugestões de ação específicas que eles possam efetivamente usar na vida real. Eles me indagam no supermercado, no playground. É como se eles, ao contrário de mim, vivessem no mundo real, onde o falatório não é tudo que importa.

Na maioria dos países, boa parte dos pais tem alguma opção na hora de mandar os filhos para a escola. Contudo, essa é uma decisão muito complicada, e é muito difícil encontrar informações úteis. Por isso, exponho aqui a minha tentativa mais empenhada para dar às pessoas o que elas querem.

Todas as crianças e adolescentes são diferentes uns dos outros. Uma escola espetacular para uns talvez seja o inferno na Terra para outros. Entretanto, no que diz respeito a encontrar uma escola que seja ao mesmo tempo rigorosa e cheia de vida, plena de entusiasmo e aprendizagem, há algumas perguntas certas que precisam ser feitas. Aqui está a minha "colinha" para quem quiser encontrar uma escola de primeira qualidade, com base no que vi em minhas andanças por escolas em diferentes continentes, quando ouvi alunos, professores e pais e estudei as pesquisas feitas por outras pessoas, mais inteligentes que eu. É uma receita incompleta, mas é um começo.

OBSERVE OS ESTUDANTES

Se você está tentando entender uma escola, pode ignorar a maior parte das informações que recebe. Dias de “escola aberta” para visitação de pais e filhos? Completamente inúteis. Gastos por estudante? Além de um certo nível básico, o dinheiro não se traduz em qualidade de educa o em nenhum lugar. Os países mais inteligentes do mundo gastam menos por aluno do que os Estados Unidos.

O número de alunos por sala de aula?¹ Não   tão importante quanto pensa a maior parte dos pais, exceto nos primeiros anos de escolariza o. Na verdade, geralmente os países de melhor desempenho acad mico do mundo têm salas de aula com mais estudantes do que nos Estados Unidos. As pesquisas mostram que a qualidade do ensino   mais importante que o número de alunos por classe.

Dados sobre testes? São mais úteis, mas extremamente difíceis de decifrar na maioria dos lugares. Até que ponto o teste é bom? Quanto valor a escola agrega além do que as crianças já estão aprendendo em casa? Cada vez mais as diretorias de ensino norte-americanas dispõem de informa o desse tipo, mas não as divulgam publicamente.

Em vez disso, a melhor maneira de medir bem a qualidade de uma escola   gastar um tempo – mesmo que sejam apenas vinte minutos – visitando salas de aula enquanto a escola estiver em pleno funcionamento.

Contudo, quando você chegar lá, é importante saber para onde olhar. Os pais tendem a passar muito tempo encarando quadros de avisos nas salas de aula. Aqui vai uma sugestão melhor: em vez disso, observe os estudantes.

Procure sinais de que *todos* os alunos estão prestando aten o, interessados no que estão fazendo e trabalhando com afinco. Não

procure sinais de ordem; às vezes a aprendizagem ocorre em lugares barulhentos, em que os estudantes trabalham em grupos sem receber muita informação dos professores. Algumas das piores salas de aula são ambientes silenciosos e bem-arrumados, que aos olhos dos adultos parecem reconfortantemente calmos.

Lembre-se de que a aprendizagem rigorosa parece de fato rigorosa. Se os alunos estão escrevendo às pressas e em cima das pernas em uma folha de exercícios, isso não é aprendizagem. Isso é preencher um formulário. Eles devem se sentir desconfortáveis de vez em quando; não há problema nisso. Não devem se sentir frustrados nem desesperados; pelo contrário, devem receber ajuda quando precisarem, e muitas vezes um colega deve ajudar o outro. O ideal é que não passem períodos longos e vazios fazendo fila para o almoço, sentados em círculo para atividades de "roda de conversa" ou distribuindo folhas de exercícios. Deve haver uma sensação de urgência que seja palpável.

Resista ao impulso de concentrar todas as atenções na figura do professor. Nas melhores salas de aula do mundo, talvez o docente seja uma pessoa calma. Ou um sujeito carismático ou mesmo um pouco maluco (é assim que a maioria de nós se lembra dos nossos próprios tempos de escola). O que você pensa do professor durante uma breve visita não é tão importante quanto o que os alunos – que convivem com o professor o ano inteiro – acham dele.

Fiz isso em todos os países que visitei. Até que ponto os estudantes se interessaram por minha presença? Os alunos atarefados e comprometidos com os estudos não prestavam muita atenção em mim; tinham coisas mais importantes para fazer. Os alunos entediados me olhavam de relance e sorriam, ensaiavam um aceno tímido e me ofereciam um lenço de papel quando eu espirrava. Estavam desperdiçando seu tempo, e desesperados por uma distração.

Vi estudantes entediados em todos os países. O tédio é o espectro que assombra meninos e meninas da pré-escola à formatura, nos quatro cantos do mundo. Em salas de aula norte-americanas, vi uma aluna desenhando uma rosa no braço com caneta esferográfica; era uma tatuagem feita com vagar e meticulosidade, como se a garota estivesse cumprindo pena de prisão perpétua. Vi um menino dançar em silêncio, remexendo seus tênis brancos de cano alto debaixo da carteira. A parte de cima de seu corpo nem sequer se mexia.

Na Finlândia, vi um adolescente se interessar de maneira insólita pela corda da persiana ao seu lado, como se fosse a corda de um paraquedas que talvez pudesse levá-lo para algum outro lugar. Na Coreia do Sul, vi fileiras inteiras de estudantes dormindo – a sono solto – com a cabeça pousada sobre a carteira. Alguns tinham travesseiros. A Coreia do Sul era o país onde o tédio ia dormir, e mais tarde acordava para passar a noite estudando.

O tédio variava tremendamente de uma sala de aula para outra, em geral dentro de uma mesma escola. Nas melhores escolas, entretanto, o tédio era a exceção, e não a regra. Nelas, o observador entra em cinco salas de aula e vê apenas um ou dois alunos – e não oito ou dez – desgarrados dos demais, à deriva, “boiando” física ou mentalmente. É assim que você sabe que está em um local de aprendizagem.

CONVERSE COM OS ESTUDANTES

Raramente as pessoas, incluindo os jornalistas, se dão ao trabalho de conversar com os estudantes a fim de lhes perguntar sobre suas ideias e impressões. Todo mundo concentra as atenções no professor, no diretor, no prédio ou nos quadros de avisos. As crianças pequenas são tidas como novas demais para entender as coisas; as

mais velhas já estão, supostamente, exaustas, saturadas. Na minha experiência, nada disso é verdade. Contanto que você faça perguntas inteligentes, os estudantes são as fontes de informação mais sinceras, imparciais e úteis em qualquer escola.

Não pergunte coisas como “você gosta desse professor?” ou “você gosta da sua escola?”. E se um desconhecido sorridente entrasse no seu escritório e perguntasse “você gosta do seu chefe?”. É bem provável que você pensaria tratar-se de um consultor incumbido de demitir você. As crianças e os adolescentes têm a mesma reação. E, de qualquer modo, gostar de um professor não é o mesmo que aprender com um professor. Em vez disso, faça perguntas que sejam específicas, respeitosas e significativas.

Geralmente a primeira coisa que pergunto é bem direta: “O que você está fazendo agora? Por quê?”.

Você ficaria espantado de ver o número de alunos que conseguem responder à primeira pergunta, mas não são capazes de responder à segunda. Porém, a segunda pergunta é imperativa. Para acreditarem na escola e se interessarem por ela, os estudantes precisam ser lembrados da razão de estarem ali o dia inteiro, todo dia.

Em 2011, um gigantesco estudo financiado pela Fundação Gates² constatou que as respostas dos alunos para perguntas específicas eram surpreendentemente proféticas a respeito do aumento das notas dos estudantes nos testes, e eram mais confiáveis a longo prazo do que as observações feitas nas salas de aula por analistas treinados. Nessa investigação – a Pesquisa Tripod, idealizada por Ronald Ferguson, da Universidade Harvard –, dezenas de milhares de alunos de todas as idades responderam a um questionário em que se pedia que concordassem ou discordassem de 36 itens diferentes. Quando você visitar uma escola, obviamente não terá condições de realizar um inquérito cientificamente válido como

esse. Mas, em todo caso, as questões do referido estudo que mais se relacionavam à aprendizagem dos estudantes talvez nos ajudem a formular perguntas que valem a pena fazer. Por exemplo:

1. Nessa aula você aprende bastante todo dia?
2. Nessa aula os alunos geralmente se comportam como o professor quer?
3. Nessa aula os alunos estão sempre ocupados e não perdem tempo?

Esse é o tipo de pergunta a que os estudantes – e somente os estudantes – podem responder.

Algumas escolas começaram a usar variações do mesmo questionário de pesquisa para ajudar os professores a melhorar, uma ideia inteligente e relativamente barata. Se um diretor ou professor usa esse tipo de levantamento na sala de aula e dedica um tempo considerável à análise dos resultados, é um sinal promissor.

E aqui apresento mais uma pergunta a ser feita aos estudantes, esta formulada por Dwan Jordon, ex-diretor da John P. Sousa Middle School em Washington, D. C.: "Quando você não entende alguma coisa, o que você faz?".

Em salas de aula rigorosas, os alunos sabem a resposta.

OUÇA OS PAIS

Em 2011, fui conhecer de perto as instalações de uma escola particular de Washington, D. C., em que era difícil conseguir uma vaga e que custava cerca de 30 mil dólares por ano. Na verdade eu não tinha condições de pagar essa instituição de ensino, mas já havia

visitado muitas escolas públicas e escolas *charter*, e queria saber o que meu filho podia estar perdendo.

A luz do sol entrava pelas claraboias. Quando desci para o hall, o som de meninas e meninos aprendendo em diferentes línguas enchia os corredores. Na sala da diretora havia *muffins*. O lugar parecia um spa de aprendizagem – o sonho de todos os pais.

Mas coisas estranhas aconteceram nessa visita. Quando a diretora falou sobre a escola, nada do que ela disse fez sentido para mim. Em seu discurso havia uma porção de jargões sobre o currículo e vagas promessas de maravilhosas excursões de estudo do ambiente e projetos holísticos. Todos os pais que me acompanhavam na visita assentiram; fiquei com a sensação de que ninguém queria dizer algo dissonante que pudesse prejudicar as chances dos filhos de conseguir uma vaga na tal escola.

Depois uma mãe com três filhos matriculados ali nos conduziu em um passeio pelas dependências. Vimos pisos reluzentes, paredes e murais coloridos e repletos de projetos de arte emoldurados e outros emblemas sedutores. Por fim, um dos pais fez uma boa pergunta: “Toda escola tem seus pontos fracos. Qual é o ponto fraco desta?”.

Ergui a cabeça, aguçando os ouvidos num esforço para escutar o que a nossa guia tinha a dizer.

“Sabe de uma coisa? Eu diria que o programa de matemática é fraco.”

Fiquei perplexa. Imagine visitar um hospital particular grã-fino que aceita somente pacientes suficientemente ricos para pagar por seus serviços, e descobrir que nesse hospital de luxo a prática de cirurgia é fraca. O que significava um programa de matemática fraco numa escola que exigia que crianças pequenas fizessem teste de QI antes mesmo de serem aceitas? Aquela mãe em particular preenchia um cheque de 90 mil dólares todo ano para pagar as

despesas com a educação dos três filhos. Ela não tinha de exigir em troca boas aulas de matemática?

Mas ninguém disse nem uma palavra sequer. Talvez todos os pais estivessem atônitos, como eu. Por fim, a mãe-guia acrescentou mais uma coisa: “Ah, e eu gostaria que o programa de futebol americano fosse melhor”.

De repente, todos os pais despertaram.

“Sério? Como assim? A escola não tem time de futebol americano? Com que idade as crianças começam a jogar?”

Sai de fininho para o estacionamento, espantada. Talvez aquilo explicasse por que a maior parte dos nossos estudantes mais abastados – em comparação com crianças ricas de outros países – figurava na 18ª posição no ranking dos testes internacionais em matemática: mesmo os pais endinheirados dos Estados Unidos se preocupavam mais com futebol americano do que com matemática.

Havia uma grande diferença entre Estados Unidos e Finlândia, Coreia do Sul e Polônia. Nas superpotências educacionais do mundo os pais concordavam que uma educação rigorosa era fundamental para as oportunidades que seus filhos teriam na vida.

Onde quer que você viva, se conseguir encontrar uma comunidade ou escola em que os pais e educadores compartilhem dessa convicção básica, então você já encontrou algo mais valioso para os seus filhos do que o melhor programa de futebol americano do planeta.

Em sua busca por uma escola de primeira qualidade, peça aos pais de cada lugar que falem dos pontos fracos da escola. Ouça com atenção. Se os pais disserem que são muito envolvidos com a escola, pergunte-lhes *como*. Os pais norte-americanos tendem a se envolver mais com a escola do que os pais das superpotências educacionais; porém, de modo geral, não de maneiras que resultam em aprendizagem.

Arrecadar dinheiro, ir a partidas de futebol e integrar comitês de organização de eventos no Dia do Professor são coisas maravilhosas que as pessoas podem fazer. Entretanto, não costumam ter impacto sobre a qualidade da educação das nossas crianças e adolescentes, conforme foi documentado ao longo deste livro.

Em todo o mundo, os pais exercem uma influência tremenda sobre a maneira como seus filhos aprendem. Mas não é nas reuniões da Associação de Pais e Mestres que acontece a aprendizagem. Pesquisas mostram que os pais mais ativos nas escolas dos filhos não são os que criam os filhos mais inteligentes. O verdadeiro impacto se dá em casa.

Os pais que veem a si mesmos como treinadores educacionais tendem a ler todo dia para os filhos pequenos; quando as crianças ficam mais velhas, esses pais conversam com elas sobre como foi seu dia e sobre as notícias do mundo. Deixam que seus filhos cometam erros e depois voltem ao trabalho árduo. Ensinam a eles bons hábitos e lhes dão autonomia. Em outras palavras, também são professores e acreditam no rigor. Querem que os filhos fracassem enquanto ainda são crianças. Sabem que essas lições – sobre trabalho com afinco, persistência, integridade e consequências – serão úteis para o filho durante as décadas vindouras.

Por diferentes razões culturais e históricas, a maior parte dos países mais inteligentes do mundo parece entender a importância da resiliência acadêmica – do mesmo modo como os pais norte-americanos entendem por que os técnicos colocam seus filhos no banco de reservas quando eles faltam ao treino. Um diretor de escola de primeiro nível mantém os pais concentrados no que importa, mesmo que isso signifique perder, todo semestre, 500 dólares de lucro em vendas de bolo na escola.

IGNORE OS OBJETOS RELUZENTES

Uma escola à moda antiga também pode ser uma boa escola. O colégio de ensino médio de Eric em Busan, na Coreia do Sul, tinha salas de aula austeras com laboratórios de informática dos mais simples. Os alunos jogavam futebol num campo de terra. Visto sob certos ângulos, o lugar parecia uma escola norte-americana da década de 1950. A maioria das salas de aula de Kim na Finlândia era igual: fileiras de carteiras diante de uma lousa simples ou um quadro branco antiquado, do tipo que só tem conexão com uma coisa: a parede.

Na escola de Tom na Polônia não havia sequer refeitório, muito menos um teatro moderníssimo como o da escola pública de sua cidade natal na Pensilvânia. Em sua escola nos Estados Unidos, *todas* as salas de aula tinham uma lousa digital interativa, como a que se tornou onipresente em tantas escolas norte-americanas (na verdade, quando visitei o colégio de ensino médio de Tom em 2012, elas já estavam sendo substituídas por modelos de última geração). Na escola polonesa, nenhuma sala de aula contava com lousa digital.

Infelizmente, há poucos dados disponíveis para uma comparação dos investimentos em tecnologia feitos por cada país. Mas as evidências baseadas na observação sugerem que os norte-americanos gastam extraordinárias somas de dinheiro dos contribuintes em brinquedos de última geração para professores e alunos, equipamentos em sua maioria sem valor educacional comprovado. Como em todas as outras áreas, computadores são mais úteis quando poupam tempo ou dinheiro, ajudando a descobrir o que os estudantes sabem e em que precisam de ajuda. Inversamente, municiá-los com controles remotos sem fio para que eles possam votar nas aulas seria algo impensável na maioria dos países (em

boa parte do mundo os alunos simplesmente levantam o braço, e isso funciona muito bem).

“Na maioria dos países de alto desempenho educacional, a tecnologia está espantosamente ausente da sala de aula”, disse-me Andreas Schleicher, o guru internacional da OCDE. “Não tenho explicação para isso, mas de fato parece que esses sistemas concentram seus esforços essencialmente na prática pedagógica, e não em equipamentos eletrônicos.”

Na pesquisa realizada para este livro, sete em cada dez estudantes de intercâmbio estrangeiros e norte-americanos concordaram que as escolas dos Estados Unidos tinham mais tecnologia. Nenhum estudante norte-americano que respondeu ao questionário de pesquisa afirmou que nas escolas do país havia consideravelmente menos tecnologia.

Os países mais inteligentes priorizam os salários e a isonomia dos professores (canalizando mais recursos para os estudantes que mais precisam). Quando você procurar uma educação de primeira qualidade, lembre-se de que pessoas são sempre mais importantes do que objetos.

FAÇA AO DIRETOR AS PERGUNTAS DIFÍCEIS

Quando você conversar com um diretor de escola, faça as perguntas que faria a um potencial empregador. Tente formar uma ideia das prioridades e da cultura da escola. Não tenha medo de ser tão assertivo como seria na hora de comprar um carro ou aceitar um emprego.

Quando se trata de procurar uma escola, o diretor é o fator mais importante de todos. Sim, os professores também são absolutamente relevantes, mas no nosso sistema você não pode esco-

lher o professor do seu filho. Por isso, tem de confiar no diretor da escola para fazer isso por você.

Como você escolhe seus professores?

Finlândia, Coreia do Sul e todas as superpotências educacionais selecionam seus professores de maneira relativamente eficiente, exigindo que os aspirantes aceitos pelas faculdades de formação de educadores se formem entre os 30% melhores de suas turmas de ensino médio. Essa seletividade não é suficiente por si só, mas garante um nível de prestígio e formação educacional que torna possíveis outras medidas e iniciativas.

Uma vez que a maior parte dos países não dá esse passo lógico, o diretor é ainda mais importante. Esse líder age como um filtro que substitui a faculdade ou o sistema de certificação dos professores, que na maioria dos países não é robusto. Nada é mais importante do que as decisões que o diretor toma acerca de quem contratar, como treinar e preparar os professores, e quais deles dispensar. “Uma grande visão sem grandes pessoas é irrelevante”, escreveu Jim Collins em seu clássico livro *Empresas feitas para vencer*.³

Descubra se o diretor pode escolher que candidatos entrevistar e contratar. Esse tipo de autonomia de bom senso é raro em muitas escolas. Depois pergunte se o diretor assiste de fato a *aulas-teste* dos candidatos à vaga de professor. Em muitos países, inclusive os Estados Unidos, essa prática não é comum – embora seja uma maneira óbvia de saber se o aspirante a professor tem as extraordinárias habilidades necessárias para ser um ótimo educador, um dos empregos mais complexos e exigentes da era moderna. Mesmo que, como parte do processo de contratação, o candidato apenas finja que está dando uma aula – para uma plateia adulta –, isso é bem melhor que nada.

O que você faz para tornar os seus professores ainda melhores?

Quanto mais detalhes específicos você ouvir em resposta a essa pergunta, melhor. A maioria dos professores atua de maneira isolada, sem receber retorno pertinente, comentários ou opiniões significativos. Isso é indefensável hoje em dia. O desenvolvimento profissional, que é o jargão para o treinamento no mundo educacional, deveria ser customizado para os pontos fortes e fracos de cada um dos professores. Não deveria consistir em uma centena de professores sentados num auditório, ouvindo uma palestra.

Nenhum país solucionou de vez esse problema, mas algumas nações se saem melhor do que outras. Na Finlândia, os professores são mais propensos a assistir às aulas de seus colegas – durante o treinamento e ao longo da carreira. Muitos países dão aos docentes mais tempo para trabalhar de forma colaborativa e planejar em conjunto; nesse quesito o desempenho norte-americano é pífio. Nos Estados Unidos os anos letivos são relativamente curtos, mas na maioria das escolas os professores têm pouco tempo para compartilhar ideias e receber retorno. Pergunte aos diretores de escola de que maneira eles ajudam os professores a trabalhar em conjunto e que tipo de papel de liderança atribuem aos seus melhores profissionais.

Como você mede o seu sucesso?

Líderes fortes sabem explicar com clareza sua visão. Se você ouvir uma resposta longa, vaga, repleta de disparates, talvez acabe descobrindo que foi parar numa escola sem um objetivo – ou seja, uma escola mediana. Nos Estados Unidos, a maioria dos diretores vai mencionar dados sobre notas em testes como medida de sucesso, o que é justo, mas insuficiente. Talvez o diretor mencione também índices de formatura ou pesquisas de satisfação dos pais.

Tudo bem. Mas como medir resultados intangíveis que são igualmente importantes? Como eles sabem se estão preparando os estudantes para lidar com o pensamento de ordem superior e solucionar problemas que jamais viram antes? A maior parte dos testes padronizados não mede essas habilidades. Como os diretores julgam se estão ensinando aos alunos os segredos por trás das maiores histórias de sucesso do mundo, habilidades como persistência, autocontrole e integridade?

Eles perguntam aos seus alunos o que precisa ser melhorado? Essas opiniões mudam em aspectos fundamentais a maneira como a escola funciona – a cada semestre? Educadores de primeira qualidade possuem uma visão clara sobre o caminho que estão seguindo, ferramentas para determinar se acabaram se perdendo e uma cultura de perpétua mudança a fim de fazer melhor.

De que forma você se certifica de que o trabalho está suficientemente rigoroso? Como você continua elevando o nível de exigência para descobrir o que os alunos são capazes de fazer?

Na rede de escolas *charter* Success Academy na cidade de Nova York, os estudantes passam uma hora e meia por dia lendo e discutindo livros. Depois passam mais uma hora e meia escrevendo. As crianças começam a aprender ciências ainda na pré-escola, diariamente. Isso é rigor. Na maioria das escolas públicas da cidade de Nova York, os alunos começam a estudar ciências somente na *middle school*, os últimos anos do ensino fundamental.

E isso não é tudo. Os alunos da Success Academy também têm aulas de arte, música e dança; aprendem a jogar xadrez. Quase nunca deixam de aproveitar o recreio, mesmo com mau tempo – diretriz que compartilham com a Finlândia. Chamam sua estratégia de “rigor prazeroso”.⁴

Isso funciona? Todos os alunos do quarto ano das escolas Success Academy são proficientes em ciências, de acordo com o teste da cidade de Nova York, e 95% apresentam desempenho de nível avançado. O nível de competência da unidade Success Academy Harlem 1, onde em sua maior parte os alunos de baixa renda são aceitos aleatoriamente por um sistema de sorteio, equipara-se ao das escolas de alunos habilidosos e talentosos de toda a cidade.

Nessas escolas exige-se que os professores sejam intelectualmente fascinantes e hiperpreparados. Em vez de se preocuparem com a autoestima dos alunos, eles são treinados para superestimar o que estes são capazes de fazer. Lá os professores da pré-escola são proibidos de conversar com as crianças pequenas usando uma vozinha infantilizada. É difícil respeitar as crianças quando se fala com elas de maneira condescendente.

“É um insulto à inteligência dos estudantes”, escreveu a fundadora e executiva-chefe Eva Moskowitz e Arin Lavinia, coautoras do livro *Mission Possible* (2012). “O que o professor diz deve ser tão interessante que os alunos fiquem sentados na ponta da cadeira, ávidos por cada palavra. É uma centelha intelectual que chama e prende a atenção deles, e não conversa fiada.”

Nas escolas Success Academy, o significado de “envolvimento dos pais” é algo diferente; não se pede a eles que façam quitutes ou vendam papel de presente. Em vez disso, pede-se que leiam para os filhos seis noites por semana. Deles espera-se que ajudem a acelerar a aprendizagem em casa e preparem seus filhos para a faculdade, assim como fazem os pais sul-coreanos. Os pais têm o número do telefone celular dos professores dos filhos e do diretor da escola.

Em 2011, a rede Success Academy abriu uma nova unidade no Upper West Side em Manhattan, uma área bem mais abastada do que a de seus endereços anteriores. Ao contrário da maioria das

escolas dos Estados Unidos, incluindo as melhores escolas *charter* públicas, essa nova escola era de fato *diversificada*, no sentido literal do termo. Moskowitz queria uma mistura de estudantes brancos, asiáticos, afro-americanos e hispânicos, numa variada gama de níveis de renda, e conseguiu. É assim que crianças e adolescentes aprendem melhor – juntos, com um amálgama de expectativas, vantagens e complicações –, de acordo com as lições aprendidas a duras penas em países de todo o mundo.

Há histórias como essa espalhadas por todo o país: as escolas *charter* Success Academy na cidade de Nova York, o que existe nos Estados Unidos de mais parecido com a Finlândia; William Taylor, professor de escola pública que tem expectativas quase sul-coreanas para seus alunos de baixa renda em Washington, D. C.; e Deborah Gist, em Rhode Island, líder que ousou elevar o nível de exigência com relação ao que os professores devem saber, como fizeram os reformadores na Coreia do Sul e na Polônia.

Esses educadores de primeira qualidade existem, mas estão lutando contra a corrente, a cultura e as instituições. Essa batalha os deixa extenuados, exaure sua energia e seu tempo. Se um dia chegarem a vencer, terá sido porque os pais e estudantes se mobilizaram para lutar ao seu lado, convencidos de que os nossos educandos não apenas são capazes de dar conta de uma educação rigorosa, mas anseiam por ela como nunca antes.

II. Questionário de pesquisa sobre a experiência do estudante de intercâmbio do American Field Service (AFS)

INTRODUÇÃO

Nenhum país do mundo encontrou uma solução para como ajudar todas as crianças e adolescentes a atingir na plenitude seu potencial de aprendizagem. Assim como os sistemas de saúde, os sistemas educacionais são extraordinariamente complexos e sempre precisam de mudança. Para melhorarem, os países podem aprender uns com os outros; o truque é descobrir quais das nossas diferenças são as mais importantes.

Testes podem medir habilidades e competências, e estudos e pesquisas no âmbito de um mesmo país podem mensurar atitudes. Entretanto, é difícil comparar resultados de diferentes países, porque cada população pesquisada vive em um contexto cultural único.

Contudo, as pessoas que viveram e estudaram em mais de um país podem transcender algumas barreiras culturais e identificar distinções significativas. Suas vozes, em combinação com a pesquisa quantitativa, podem nos ajudar a diminuir a dimensão desse mistério.

Todo ano, dezenas de milhares de adolescentes arrojados de todo o planeta saem de casa para viver e estudar em outros países por meio de programas de intercâmbio. Durante o ano letivo de 2011-12, 1.376 norte-americanos rumaram para o exterior,¹ e outros

27.688 estudantes estrangeiros desembarcaram nos Estados Unidos. Imersos em novas culturas, famílias e escolas, esses jovens estudantes tiveram condições de comparar sistemas educacionais de uma maneira de que nenhum pesquisador adulto seria capaz.

A ELABORAÇÃO DO QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

Em maio de 2012, eu e Marie Lawrence, pesquisadora da New America Foundation, trabalhamos em conjunto com o AFS Intercultural Programs, uma das mais antigas e mais respeitadas organizações de intercâmbio do mundo, a fim de tentar aprender com esse batalhão de jovens viajantes. O AFS (antigo American Field Service) é uma entidade sem fins lucrativos que facilita e intermedeia intercâmbios em mais de cinquenta países.

Realizamos uma pesquisa on-line com todos os estudantes de intercâmbio do AFS que deixaram os Estados Unidos para viver no exterior ou que vieram de outros países para estudar nos Estados Unidos durante o ano letivo de 2009-10 (escolhemos esse período em parte porque todos os intercambistas teriam mais de dezoito anos e poderiam participar sem precisar da permissão dos pais).

O objetivo primordial da pesquisa era entender se as diferenças observadas pelos intercambistas que protagonizam este livro também haviam sido percebidas por um número maior de estudantes. Queríamos também descobrir se as opiniões dos intercambistas tinham mudado desde uma pesquisa anterior realizada em 2001 e 2002, antes de uma década de reformas no sistema educacional norte-americano. Por fim, estávamos curiosos para investigar, na medida do possível, se as diferenças nas experiências dos estudantes poderiam estar associadas às diferenças de desempenho no Pisa.

Já foi demonstrado que os estudantes são observadores extremamente confiáveis de seus professores e de seu ambiente de sala de aula. O Measures of Effective Teaching Project [Projeto Medidas de Ensino Eficaz],² iniciativa da Fundação Bill & Melinda Gates para compreender o ensino de boa qualidade, constatou que as avaliações e opiniões de diferentes grupos de estudantes educados por um mesmo professor se mantêm consistentes e têm forte relação com ganhos em termos de desempenho escolar. Faz sentido perguntar aos estudantes o que eles sabem.

Para iniciar a pesquisa, o AFS-EUA enviou por e-mail um convite a 242 estudantes norte-americanos que haviam deixado o país para estudar no exterior (em 33 países), ao passo que o AFS Internacional enviou o convite a 1.104 estudantes de 19 diferentes países que haviam optado por estudar nos Estados Unidos.

O questionário de pesquisa incluía treze perguntas (o texto completo aparece no final deste apêndice). A maioria das questões evoluiu a partir de dezenas de conversas que a autora manteve com outros estudantes de intercâmbio no decorrer de vários anos. Duas perguntas, acerca das dificuldades gerais da escola no exterior e da importância dos esportes, foram reelaboradas a partir das pesquisas realizadas pelo Instituto Brookings com estudantes intercambistas norte-americanos e estrangeiros em 2001 e 2002.³ O questionário de pesquisa incluía duas oportunidades para respostas abertas, com o intuito de captar observações que poderiam não ter sido expressas nas respostas às questões fechadas. Por razões de privacidade, nenhuma das questões solicitava informações que pudessem identificar os participantes.

Para fins de análise das respostas, nós as dividimos em dois grupos com base no país dos estudantes (Estados Unidos versus estudantes estrangeiros) e, entre os estudantes estrangeiros, por

país de alto desempenho (PAD) e país de baixo desempenho (PBD). Cada país foi categorizado com base na média de suas notas em matemática no Pisa. Escolhemos essa disciplina porque o desempenho nela é mais fácil de comparar entre diferentes países e porque as habilidades em matemática, melhor do que outras matérias e conteúdos, tendem a funcionar de modo mais objetivo para prever rendimentos futuros e outros resultados econômicos.⁴

Os países com notas em matemática no Pisa significativamente acima da média das nações desenvolvidas foram classificados como de alto desempenho; os países cujas notas em matemática não eram significativamente diferentes da média e tampouco consideravelmente abaixo da média foram classificados como de baixo desempenho.

Entre os países participantes desse projeto, os de alto desempenho foram: Dinamarca, Finlândia, Alemanha, Hong Kong, Islândia, Japão, Holanda, Nova Zelândia e Suíça. Os países de baixo desempenho foram: Brasil, Colômbia, Costa Rica, França, Honduras, Índia, Itália, Letônia, Filipinas e Rússia.

LIMITAÇÕES DOS DADOS

Dos 1.346 estudantes convidados, um total de 202 respondeu ao questionário de pesquisa (ver tabela nas páginas 324-5), um índice de respostas de 15%. Há várias razões possíveis para explicar por que um número maior de estudantes não participou, incluindo o fato de que muitos haviam mudado seu endereço de e-mail desde a última vez que o AFS entrara em contato com eles. Ainda assim, o índice de respostas foi suficientemente alto para formar conclusões mais amplas acerca das percepções dos estudantes, com algumas ressalvas.

Dos norte-americanos que responderam ao questionário de pesquisa, um número significativo (19%) tinha ido estudar na Itália. Dos participantes estrangeiros, um grupo grande (37%) saiu da Alemanha para estudar nos Estados Unidos. Essas proporções refletiam a distribuição dos estudantes do AFS em termos gerais, mas é preciso considerar os resultados tendo em mente essas tendências.

A Alemanha, por exemplo, foi incluída entre os países de alto desempenho porque as notas de matemática dos adolescentes alemães no Pisa ficaram acima da média. Isso significa que 54% da nossa amostragem internacional de alto desempenho veio da Alemanha. Contudo, a Alemanha não está no mesmo nível da Finlândia ou da Coreia do Sul, dois países que figuram no topo do ranking mundial de desempenho em matemática, leitura e ciências no teste Pisa.

Além do mais, em geral os estudantes de intercâmbio estrangeiros não são necessariamente representativos de seus pares no país de onde vieram, é claro. Alguns intercambistas (mas não todos) vêm de famílias de nível de renda mais alto e frequentaram escolas de alto rendimento. Também têm níveis mais altos de motivação e audácia do que os estudantes que não participavam de programas de intercâmbio. Em seus países anfitriões, esses estudantes não são tratados da mesma maneira que seus colegas de classe; essa distinção, combinada às óbvias barreiras linguísticas, talvez limite a capacidade dos intercambistas de avaliar as culturas e os sistemas educacionais de outros países.

Apesar dessas ressalvas, as observações desses 202 estudantes revelam padrões intrigantes. Eles concordaram mais do que discordaram. Somos gratos a eles e ao AFS por nos ajudarem a compilar dados da experiência de um dos atores da educação que raramente é consultado nos debates educacionais em todo o mundo – os próprios estudantes.

ÍNDICE DE RESPOSTAS DE ESTUDANTES NORTE-AMERICANOS E ESTRANGEIROS*

País nativo/ anfitrião	Estudantes dos EUA			Estudantes estrangeiros		
	N	n	%	N	n	%
Alemanha (I)	16	3	18,8%	334	61	18,3%
Argentina	16	0				
Áustria	9	1	11,1%			
Bélgica	12	1	8,3%			
Brasil (II)	4	2	50,0%	47	4	8,5%
Chile	3	0	0,0%			
China	5	0	0,0%			
Colômbia (II)				19	2	10,5%
Costa Rica (II)	3	0	0,0%	5	0	0,0%
Dinamarca (I)	4	0	0,0%	51	6	11,8%
Egito	3	0	0,0%			
Equador	6	1	16,7%			
Espanha	28	4	14,3%			
Filipinas (II)				14	0	0,0%
Finlândia (I)	4	2	50,0%	38	10	26,3%
França (II)	29	3	10,3%	62	14	22,6%
Holanda (I)	8	3	37,5%	24	4	16,7%
Honduras (II)				4	0	0,0%
Hong Kong (I)	2	1	50,0%	22	3	13,6%
Hungria	1	0	0,0%			
Índia (II)	1	1	100,0%	15	0	0,0%
Islândia (I)	1	0	0,0%	11	4	36,4%
Itália (II)	33	7	21,2%	234	30	12,8%
Japão (I)				136	6	4,4%
Letônia (II)				5	1	20,0%
Noruega	5	0	0,0%			
Nova Zelândia (I)	1	0	0,0%	3	1	33,3%

País nativo/ anfitrião	Estudantes dos EUA			Estudantes estrangeiros		
	N	n	%	N	n	%
Panamá	4	0	0,0%			
Paraguai	9	4	44,4%			
Peru	1	0	0,0%			
Portugal	8	0	0,0%			
Rep. Dominicana	2	0	0,0%			
República Tcheca	2	0	0,0%			
Rússia (II)	2	1	50,0%	7	0	0,0%
Suécia	7	1	14,3%			
Suíça (I)	10	2	20,0%	73	19	26,0%
Tailândia	2	0	0,0%			
Turquia	1	0	0,0%			
Total dos países de alto desempenho				692	114	16,5%
Total dos países de baixo desempenho				412	51	12,4%
TOTAL**	242	37	15,3%	1104	165	14,9%

* Pesquisa sobre experiência educacional realizada durante o ano letivo de 2009-10 com estudantes intercambistas dos Estados Unidos no exterior e estrangeiros nos Estados Unidos. A Sérvia e o Canadá concordaram em participar, mas não enviaram estudantes para os Estados Unidos por meio do programa AFS de intercâmbio em número relevante durante o ano letivo 2009-10.

** Exclui respostas de quatro estudantes. Três estudantes não indicaram os Estados Unidos nem como país nativo nem como anfitrião. Um assinalou os Estados Unidos como ambos, país nativo e anfitrião.

N número total de estudantes convidados a participar do questionário.

n número total de estudantes que completaram o questionário.

(I) Países de alto desempenho que enviaram estudantes para os Estados Unidos.

(II) Países de baixo desempenho que enviaram estudantes para os Estados Unidos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em nome da clareza, invertemos as perguntas e respostas para as diferentes populações ou universos. Por exemplo, aos estudantes estrangeiros perguntamos: "Em comparação com a escola de seu país de origem, quanta tecnologia (computadores, laptops, lousas digitais etc.) você viu em uso em sua escola nos Estados Unidos?". Aos estudantes americanos fizemos a mesma pergunta, formulada de forma inversa: "Em comparação com a escola nos Estados Unidos, quanta tecnologia (computadores, laptops, lousas digitais etc.) você viu em uso em sua escola no exterior?". A fim de compararmos facilmente os resultados, entretanto, expressamos todas as respostas em termos das opiniões dos estudantes do sistema educacional norte-americano em comparação com sua experiência no exterior.

Tecnologia

Os estudantes estrangeiros e os norte-americanos concordaram que havia mais tecnologia nas escolas dos Estados Unidos. No total, 70% dos estudantes estrangeiros e 73% dos estudantes americanos afirmaram isso; todavia, na comparação com os estrangeiros, os norte-americanos eram mais propensos a dizer que havia um pouco mais de tecnologia do que muito mais tecnologia (ver Gráfico 1). Nenhum estudante norte-americano disse que havia muito menos tecnologia nas escolas dos Estados Unidos.

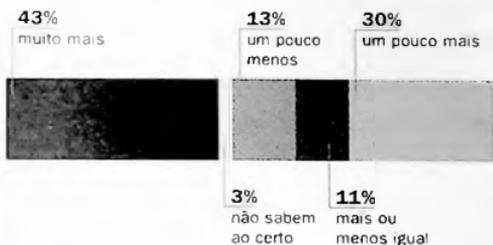
Até o momento são extraordinariamente escassas as pesquisas comparando os investimentos relativos em tecnologia nas escolas no mundo. Sabemos pouca coisa acerca de quanto os países gastam em tecnologia, e menos ainda se esses gastos resultam efetivamente na aprendizagem dos alunos.

GRÁFICO 1

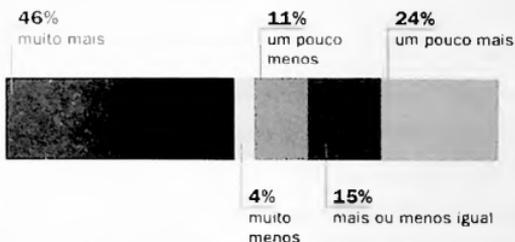
VIRAM MAIS TECNOLOGIA EM USO NAS ESCOLAS DOS ESTADOS UNIDOS

Opinião de estudantes norte-americanos e estrangeiros

ESTUDANTES NORTE-AMERICANOS



ESTUDANTES ESTRANGEIROS



Nossos resultados sugerem que os Estados Unidos investem pesadamente em tecnologia nas salas de aula, mais até do que os países de alto desempenho (na nossa pesquisa, 61% dos estudantes dos países de alto desempenho – PADS – afirmaram que nos Estados Unidos havia mais tecnologia nas salas de aula). Isso não necessariamente significa que a tecnologia tem uma correlação negativa com a performance educacional; muitas coisas interagem para levar a resultados educacionais, e nossos cálculos sugerem que os países de baixo desempenho usam ainda menos tecnologia do que os países de alto desempenho (quase três

quartos dos estudantes dos PBDs afirmaram que os Estados Unidos tinham “muito mais” tecnologia, em contraste com um terço dos estudantes dos PADs).

Entretanto, essa diferença talvez ajude a explicar (em parte) por que os Estados Unidos gastam mais dinheiro por estudante do que praticamente qualquer outro país do mundo. Faz muito tempo que o nosso romance com a tecnologia educacional tem sido uma distração cara e unilateral.

Dificuldade

Os estudantes estrangeiros e os norte-americanos tiveram a mesma opinião e afirmaram que a escola nos Estados Unidos era mais fácil do que a escola no exterior. No total, 92% dos estudantes estrangeiros e 70% dos estudantes norte-americanos afirmaram que as aulas nos Estados Unidos eram mais fáceis do que em outros países. Os americanos eram mais propensos a dizer que a escola nos Estados Unidos era “um pouco mais fácil” do que “muito mais fácil” (ver Gráfico 2).

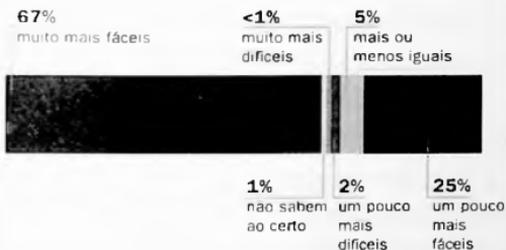
Esses resultados corroboram as constatações das pesquisas realizadas pelo Instituto Brookings com estudantes de intercâmbio norte-americanos e estrangeiros em 2001 e 2002.⁵ Naquelas pesquisas, 85% dos estudantes estrangeiros e 56% dos estudantes norte-americanos achavam que as aulas nos Estados Unidos eram mais fáceis.

A semelhança nos resultados sugere que, no âmbito da nossa amostragem, os dez anos de reformas educacionais sob o programa federal Nenhuma Criança Será Deixada para Trás não fizeram a escola norte-americana ficar nem um pouco mais difícil em comparação com as escolas do exterior.

GRÁFICO 2

AS AULAS NOS EUA ERAM MAIS FÁCEIS

Opinião de estudantes norte-americanos e estrangeiros

ESTUDANTES NORTE-AMERICANOS**ESTUDANTES ESTRANGEIROS**

Outra descoberta interessante aponta para a falta de rigor no trabalho em sala de aula nos Estados Unidos. Os estudantes estrangeiros tanto dos países de alto desempenho como dos de baixo desempenho concordaram que a escola norte-americana era mais fácil. Contudo, os estudantes estrangeiros dos países de alto desempenho tendiam a dizer que a escola nos Estados Unidos era “muito mais fácil” do que a escola em seu país de origem. Especificamente, 73% dos estudantes dos países de alto desempenho disseram que a escola nos Estados Unidos era “muito mais fácil”, em contraste com 53% dos estudantes dos países de baixo desempenho. Essa descoberta é compatível com a hipótese deste livro: em países com

sistemas educacionais fortes, a escola é de fato mais difícil. O rigor perpassa o modo como esses países pensam a aprendizagem e a criação dos filhos e molda tudo, da formação e do treinamento dos professores à confecção dos testes padronizados.

É interessante notar, contudo, que mesmo os estudantes dos países de baixo desempenho responderam de maneira esmagadora que a escola nos Estados Unidos era mais fácil. Talvez eles tivessem certo pendor no sentido de defender o rigor da educação de seu país de origem, mas isso não explica por que os participantes norte-americanos também disseram que as aulas em sua terra natal eram mais fáceis.

Essa diferença talvez tenha a ver com a maneira como os estudantes percebem a dificuldade na escola. Em muitos países, de alto e de baixo desempenho, a escola é um ambiente mais formal e estruturado do que a escola nos Estados Unidos. Os códigos de conduta são mais rígidos, e as consequências do fracasso acadêmico são mais sérias, particularmente no ensino médio. Em alguns casos, os estudantes talvez estivessem reagindo a essas diferenças de cultura escolar em oposição aos efetivos níveis de desafio que encontravam. Seja como for, uma vez que outras pesquisas mostram falta de rigor nos livros didáticos, currículos escolares e formação e treinamento de professores nos Estados Unidos, essa diferença acerca do rigor percebido merece pesquisas adicionais mais aprofundadas.

Liberdade dada pelos pais

Os estudantes estrangeiros e os norte-americanos mostraram-se de acordo também quanto ao fato de que os pais americanos davam aos filhos menos liberdade dos que os pais de outros países. De todos os estudantes que responderam ao questionário de pes-

quisa, 63% dos estrangeiros e 68% dos americanos concordaram com essa afirmação (ver Gráfico 3).

De maneira interessante, os estudantes estrangeiros de países de alto desempenho estavam muito mais inclinados do que os de países de baixo desempenho a dizer que os pais norte-americanos davam aos filhos muito menos liberdade. Especificamente, 70% dos estudantes estrangeiros de países de alto desempenho disseram que os pais dos Estados Unidos davam aos filhos menos liberdade, em contraste com 45% de estudantes de países de baixo desempenho.



Esses resultados corroboram a literatura existente que sugere que crianças e adolescentes norte-americanos levam vida muito controlada.⁶ As razões para essas diferenças são um emaranhado difícil de desenredar. A atitude mais protetora dos pais americanos com relação aos filhos talvez se deva a preocupações onipresentes com a criminalidade e a violência, por exemplo. Em algumas áreas dos Estados Unidos, em especial bairros de baixa renda, essas preocupações quem sabe sejam baseadas em evidências concretas: em outras regiões, de nível de renda mais alto, os índices de criminalidade podem até ser baixos, mas ainda assim a inquietação dos pais quanto à violência talvez seja alta.

Independentemente das razões, o que significa em termos de resultados educacionais se os pais norte-americanos *de fato* concedem aos filhos menos autonomia? Mais uma vez, é difícil especular, mas a literatura existente acerca da criação de filhos resilientes sugere que é bastante saudável deixar que eles tomem decisões e cometam erros (dentro de certos limites) enquanto ainda são crianças. Do contrário, adolescentes criados em escolas de ensino médio e lares muito controlados só descobrem os perigos e emoções da independência quando já estão crescidos, e em larga medida por conta própria.

Importância dos esportes

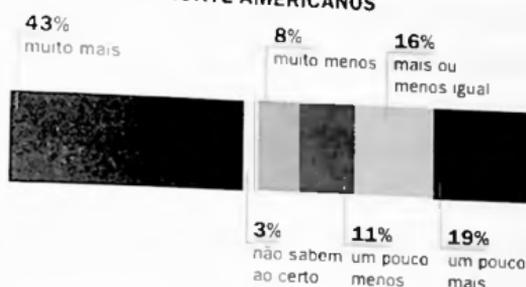
Os estudantes estrangeiros e os norte-americanos concordaram quanto à importância dos esportes na vida dos adolescentes americanos. De todos os que responderam ao questionário, 91% dos estrangeiros e 62% dos norte-americanos disseram que os estudantes dos Estados Unidos davam mais importância que os de outros países a um bom desempenho nos esportes do (ver Gráfico 4).

GRÁFICO 4

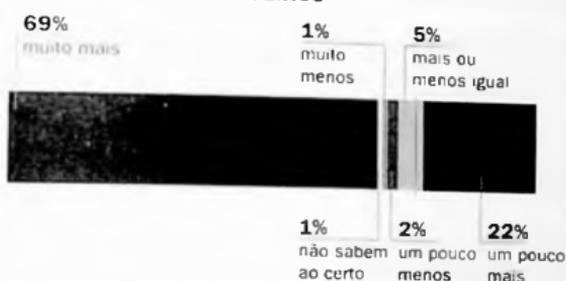
ALUNOS DAVAM MAIS IMPORTÂNCIA A DESEMPENHO NOS ESPORTES NOS EUA

Opinião de estudantes norte-americanos e estrangeiros

ESTUDANTES NORTE-AMERICANOS



ESTUDANTES ESTRANGEIROS



Os estrangeiros eram mais propensos a dizer que os norte-americanos se importavam "muito mais" com a performance esportiva.

Esses resultados corroboram as constatações das pesquisas realizadas pelo Instituto Brookings, de acordo com as quais 85% dos estudantes estrangeiros e 82% dos estudantes norte-americanos julgavam que os estudantes americanos davam mais importância do que os estudantes de outros países a um bom desempenho nos esportes.

Nem de longe está claro se atribuir muita importância ao desempenho esportiva tem associações negativas com a performance

Esses resultados corroboram a literatura existente que sugere que crianças e adolescentes norte-americanos levam vida muito controlada.⁶ As razões para essas diferenças são um emaranhado difícil de desenredar. A atitude mais protetora dos pais americanos com relação aos filhos talvez se deva a preocupações onipresentes com a criminalidade e a violência, por exemplo. Em algumas áreas dos Estados Unidos, em especial bairros de baixa renda, essas preocupações quem sabe sejam baseadas em evidências concretas; em outras regiões, de nível de renda mais alto, os índices de criminalidade podem até ser baixos, mas ainda assim a inquietação dos pais quanto à violência talvez seja alta.

Independentemente das razões, o que significa em termos de resultados educacionais se os pais norte-americanos *de fato* concedem aos filhos menos autonomia? Mais uma vez, é difícil especular, mas a literatura existente acerca da criação de filhos resilientes sugere que é bastante saudável deixar que eles tomem decisões e cometam erros (dentro de certos limites) enquanto ainda são crianças. Do contrário, adolescentes criados em escolas de ensino médio e lares muito controlados só descobrem os perigos e emoções da independência quando já estão crescidos, e em larga medida por conta própria.

Importância dos esportes

Os estudantes estrangeiros e os norte-americanos concordaram quanto à importância dos esportes na vida dos adolescentes americanos. De todos os que responderam ao questionário, 91% dos estrangeiros e 62% dos norte-americanos disseram que os estudantes dos Estados Unidos davam mais importância que os de outros países a um bom desempenho nos esportes do (ver Gráfico 4).

GRÁFICO 4

ALUNOS DAVAM MAIS IMPORTÂNCIA A DESEMPENHO NOS ESPORTES NOS EUA

Opinião de estudantes norte-americanos e estrangeiros

ESTUDANTES NORTE-AMERICANOS



ESTUDANTES ESTRANGEIROS



Os estrangeiros eram mais propensos a dizer que os norte-americanos se importavam “muito mais” com a performance esportiva.

Esses resultados corroboram as constatações das pesquisas realizadas pelo Instituto Brookings, de acordo com as quais 85% dos estudantes estrangeiros e 82% dos estudantes norte-americanos julgavam que os estudantes americanos davam mais importância do que os estudantes de outros países a um bom desempenho nos esportes.

Nem de longe está claro se atribuir muita importância ao desempenho esportiva tem associações negativas com a performance

acadêmica. Entre os estudantes estrangeiros, 88% dos oriundos de países de alto desempenho disseram que os adolescentes norte-americanos davam mais importância do que os de outros países ao êxito nos esportes, ao passo que praticamente todos os estudantes (96%) de países de baixo desempenho afirmaram que os adolescentes dos Estados Unidos davam mais importância ao sucesso na prática esportiva. Isso sugere que os estudantes de países de alto desempenho se importavam mais com esportes do que os de países de baixo desempenho – embora, ao que tudo indica, nem um nem outro se importem tanto quanto os estudantes norte-americanos.

Em todo caso, a importância sem paralelo que se atribui ao desempenho esportivo nas escolas de ensino médio norte-americanas deveria ser tema de um sério debate. A despeito de seu valor, os esportes também tiram dinheiro e atenção da aprendizagem em sala de aula. O que é preocupante é a sua importância relativa – e não a sua existência absoluta.

Elogios

Os estudantes estrangeiros e norte-americanos concordaram que os professores de matemática nos Estados Unidos eram mais propensos a elogiar os alunos com mais frequência do que os de outros países. Cerca de metade dos estudantes estrangeiros e norte-americanos afirmaram que seus professores de matemática nos Estados Unidos tendiam a elogiar o trabalho dos alunos; aproximadamente um terço dos estudantes julgou que seus professores de matemática elogiavam os alunos na mesma medida em ambos os países; e menos de 10% de ambos os grupos afirmaram que seus professores de matemática estrangeiros costumavam elogiar o trabalho dos alunos (ver Gráfico 5).

Note-se que essa pergunta foi feita a uma amostra ligeiramente menor. Pedimos aos estudantes especificamente que comparassem suas experiências nas aulas de matemática em seu país de origem e no exterior. Dos estudantes internacionais que responderam ao questionário de pesquisa, 82% tiveram aulas de matemática nos Estados Unidos, o que lhes permitiu responder à pergunta. Dos estudantes americanos, 89% cursaram matemática e responderam à pergunta.

Os resultados suscitam a seguinte questão: é justificável que os professores de matemática norte-americanos elogiem tanto assim

GRÁFICO 5

PROFESSORES DE MATEMÁTICA NOS EUA ELOGIAM ALUNOS COM MAIS FREQUÊNCIA

Opinião de estudantes norte-americanos e estrangeiros

ESTUDANTES NORTE-AMERICANOS

52%

professores nos EUA elogiam com mais frequência

6%

professores em outro país elogiam mais



15%

não sabem ao certo

27%

ambos elogiam na mesma medida

ESTUDANTES ESTRANGEIROS

45%

professores nos EUA elogiam com mais frequência

9%

professores em outro país elogiam mais



16%

não sabem ao certo

30%

ambos elogiam na mesma medida

seus alunos, na proporção demonstrada por esse questionário de pesquisa? Os Estados Unidos figuram solidamente entre os países de baixo desempenho em matemática, e ainda assim as crianças americanas são muito mais propensas a dizer que tiram notas altas em matemática, conforme foi discutido em outra parte deste livro.

Quais são os efeitos de elogiar os estudantes por um trabalho que não consegue alcançar o desempenho médio de estudantes de outras nações desenvolvidas? De que forma a prática do elogio disseminado exerce impacto sobre o ambiente de aprendizagem e as expectativas que os estudantes criam para si mesmos? Os elogios estão relacionados à tendência (também sugerida por esse questionário de pesquisa) dos pais norte-americanos de dar aos seus filhos menos liberdade? Os professores e pais americanos tratam suas crianças e adolescentes como seres mais frágeis do que realmente são? Ou os outros países é que tratam suas crianças e adolescentes com muito *menos* cuidado?

Os elogios não são de todo ruins, para dizer o óbvio. A verdade é que os números mostram uma relação complexa entre elogios e resultados: os estudantes dos países de baixo desempenho eram muito mais propensos do que os de países de alto desempenho a dizer que nos Estados Unidos os professores eram mais elogiosos. Dos estudantes internacionais, 38% dos oriundos de países de alto desempenho afirmaram que os seus professores norte-americanos elogiavam com mais frequência os alunos; por sua vez, 62% dos estudantes dos países de baixo desempenho disseram isso. Os elogios talvez não levem à aprendizagem, mas a ausência de elogios não necessariamente faz bem.

Na verdade, alguns dos estudantes que participaram desta pesquisa celebraram explicitamente – em suas respostas abertas – a cultura positiva de suas salas de aula norte-americanas. Um inter-

cambista italiano que foi estudar nos Estados Unidos deu a seguinte definição: “[Nos Estados Unidos] os professores acreditam na gente, no nosso potencial, e nunca nos criticam ou nos humilham”.

Um estudante francês contrastou desta maneira as duas experiências: “Na França, os professores fazem muito mais pressão nos alunos – com relação ao dever de casa, às notas. Nos Estados Unidos, os professores geralmente parabenizam os alunos por seu trabalho”.

Posto isso, o elogio é uma moeda corrente arriscada. Para funcionar, ele deve ser específico, sincero, pontual – e usado com moderação. Esses resultados sugerem que a distribuição de elogios praticada nas salas de aula dos Estados Unidos talvez não corresponda a essas exigências. Elogios excessivos, vagos ou vazios têm efeitos corrosivos,⁷ conforme já foi demonstrado por múltiplos estudos, uma vez que incentivam as crianças a se arriscarem menos e a desistir com mais facilidade. A autoestima é importante, mas vem do trabalho árduo e da realização autêntica, e não da adulação.

RESULTADOS CONTRADITÓRIOS OU INCONCLUSIVOS

As respostas dos estudantes norte-americanos e as dos estrangeiros foram discrepantes e inconclusivas em quatro perguntas, que giravam em torno dos seguintes tópicos:

A importância de ir bem na escola

A maior parte dos estudantes estrangeiros disse que os estudantes nos Estados Unidos e no exterior atribuíam a mesma dose de importância ao bom desempenho escolar, ao passo que a maioria dos estudantes norte-americanos disse que seus pares davam *menos* importância à questão de ir bem na escola. O único ponto em que houve claro consenso foi quanto ao fato de que os

estudantes americanos não se importavam “muito mais” com a necessidade de ir bem na escola. Apenas 4% dos estudantes estrangeiros e 3% dos norte-americanos escolheram essa resposta. Não está imediatamente claro por que os estudantes americanos e os estrangeiros não concordaram quanto a essa questão, embora seja possível supor que os participantes tiveram dificuldade de avaliar a importância que outros estudantes dão à escola em um contexto transcultural.

O nível de exigência das aulas de matemática

As respostas dos estudantes norte-americanos foram contraditórias nessa questão, mas os estudantes estrangeiros mostraram uma preferência mais clara por uma das respostas em detrimento de outras. Especificamente, 58% dos estudantes estrangeiros disseram que suas aulas de matemática no exterior eram mais exigentes e estimulantes do que nos Estados Unidos.

Tendência da aula de matemática de “manter os alunos atarefados e não desperdiçar tempo”⁸

Nessa questão as respostas tanto dos estudantes norte-americanos como dos estrangeiros foram incompatíveis. Em ambos os grupos, cerca de um terço dos participantes disse que se mantinha atarefado nas aulas de matemática nos Estados Unidos, um terço escolheu “no exterior”, e um terço informou que sua experiência de salas de aula atarefadas foi mais ou menos igual tanto nos Estados Unidos como em outros países.

Tendência dos professores de matemática de não aceitar “nada menos do que o nosso esforço máximo”⁹

Assim como no caso imediatamente anterior, os estudantes norte-

-americanos e os estrangeiros não mostraram preferência acentuada por nenhuma das opções de resposta. Parece provável que o enunciado da questão não tenha ficado claro, já que um número significativo de participantes respondeu “não sei ao certo”. No total, 18% dos estudantes estrangeiros e 12% dos norte-americanos escolheram a resposta “não sei ao certo”.

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

No início do questionário de pesquisa, os participantes foram divididos em dois grupos separados – estudantes norte-americanos e estudantes estrangeiros – após a pergunta: “Qual foi o seu país anfitrião?”. Dessa maneira as questões puderam ser formuladas com maior clareza para cada grupo, uma preocupação fundamental para os falantes de inglês não nativos.

No questionário, apresentado a seguir, as perguntas dirigidas aos estudantes estrangeiros aparecem em caracteres regulares; as dirigidas aos estudantes norte-americanos, em *itálico*. Nos enunciados em que não aparece *itálico*, o texto da questão não foi alterado para os dois grupos.

Adicionalmente, o questionário indaga aos estudantes se fizeram algum curso de matemática durante seu intercâmbio. Os estudantes que respondiam “sim” eram direcionados para a página seguinte de questões a fim de comparar suas aulas de matemática em seu país de origem e no exterior; os estudantes que respondiam “não” eram automaticamente direcionados para a última página de questões concernentes a sua experiência educacional geral.

Obrigado por sua ajuda nesta pesquisa!

As questões a seguir devem levar cerca de cinco minutos para serem respondidas. Por favor, responda ao maior número possível de questões. Se você não souber alguma resposta, escolha "não sei ao certo". Clique em "página anterior" para voltar.

O objetivo deste questionário de pesquisa é aprender sobre as suas experiências educacionais em seu país de origem e no país anfitrião em que você foi estudar. Os resultados serão publicados em um livro sobre educação internacional de autoria de Amanda Ripley, jornalista da revista *Time* e bolsista da New America Foundation, organização não partidária de pesquisas em políticas públicas nos Estados Unidos.

Ao clicar em "próximo", você confirma que concorda em participar desta pesquisa, e autoriza o AFS e Amanda Ripley a coletar e processar as respostas. Os resultados deste questionário de pesquisa serão mantidos em completo anonimato, e o AFS não divulgará a terceiros o nome ou o endereço de e-mail dos participantes. Se, a qualquer momento, você desejar interromper a sua participação, basta clicar na opção "sair desta pesquisa", no canto superior direito da janela do seu navegador.

Assim que o estudo estiver concluído, o AFS entrará em contato com você para compartilhar os resultados. Você também pode ler sobre os resultados no livro de Amanda Ripley, a ser publicado no início de 2013, nos Estados Unidos.

Perguntas, dúvidas ou problemas técnicos? Por favor, envie um e-mail para lawrence@newamerica.net.

Esta pesquisa se encerrará na sexta-feira, 4 de maio de 2012, às 23h59.

Você pode ler sobre a política de privacidade da Survey Monkey aqui: <http://www.surveymonkey.com/mp/policy/privacy-policy/>.

INFORMAÇÕES BÁSICAS

1. Você se formou no ensino médio antes de deixar o país e partir para o seu programa de intercâmbio?

Sim | Não

2. Você recebeu créditos acadêmicos por seu ano de intercâmbio?

Sim | Não

3. Qual era seu país nativo quando você fez seu intercâmbio?

Alemanha | Brasil | Canadá | Colômbia | Costa Rica | Dinamarca | Estados Unidos | Filipinas | Finlândia | França | Holanda | Honduras | Hong Kong | Índia | Islândia | Itália | Japão | Letônia | Nova Zelândia | Rússia | Suíça

4. Qual foi o seu país anfitrião?

Alemanha | Brasil | Canadá | Colômbia | Costa Rica | Dinamarca | Estados Unidos | Filipinas | Finlândia | França | Holanda | Honduras | Hong Kong | Índia | Islândia | Itália | Japão | Letônia | Nova Zelândia | Rússia | Suíça | outro (por favor especifique)

EXPERIÊNCIA DO ESTUDANTE

1. Em comparação com a escola de seu país nativo, quanta tecnologia (computadores, laptops, lousas digitais etc.) você viu em uso em sua escola nos Estados Unidos?

Muito mais tecnologia nos Estados Unidos | Um pouco mais de tecnologia nos Estados Unidos | Mais ou menos a mesma tecnologia em ambos os lugares | Um pouco menos de tecnologia nos Estados Unidos | Muito menos tecnologia nos Estados Unidos | Não sei ao certo

2. Compare as aulas na escola do seu país de origem e nos Estados Unidos. As aulas eram...

Muito mais fáceis nos Estados Unidos | Um pouco mais fáceis nos Estados Unidos | Mais ou menos iguais em ambos os lugares | Um pouco mais difíceis nos Estados Unidos | Muito mais difíceis nos Estados Unidos | Não sei ao certo

3. Em comparação com os pais em seu país de origem, quanta liberdade os pais norte-americanos geralmente davam aos filhos?

Muito mais liberdade nos Estados Unidos | Um pouco mais de liberdade nos Estados Unidos | Mais ou menos a mesma liberdade em ambos os lugares | Um pouco menos de liberdade nos Estados Unidos | Muito menos liberdade nos Estados Unidos | Não sei ao certo

[AS QUESTÕES EM ITÁLICO ERAM DIRIGIDAS AOS ESTUDANTES NORTE-AMERICANOS]

1. *Em comparação com a escola nos Estados Unidos, quanta tecnologia (computadores, laptops, lousas digitais etc.) você viu em uso em sua escola no exterior?*

Muito mais tecnologia no exterior | Um pouco mais de tecnologia no exterior | Mais ou menos a mesma tecnologia em ambos os lugares | Um pouco menos de tecnologia no exterior | Muito menos tecnologia no exterior | Não sei ao certo

2. *Compare as aulas na sua escola dos Estados Unidos e as suas aulas no exterior. As aulas eram...*

Muito mais fáceis no exterior | Um pouco mais fáceis no exterior | Mais ou menos iguais em ambos os lugares | Um pouco mais difíceis no exterior | Muito mais difíceis no exterior | Não sei ao certo

3. *Em comparação com os pais nos Estados Unidos, quanta liberdade os pais estrangeiros geralmente davam aos filhos?*

Muito mais liberdade no exterior | Um pouco mais de liberdade no exterior | Mais ou menos a mesma liberdade em ambos os lugares | Um pouco menos de liberdade no exterior | Muito menos liberdade no exterior | Não sei ao certo

EXPERIÊNCIA DO ESTUDANTE (CONTINUAÇÃO)

1. *Em comparação com os estudantes de seu país de origem, o quanto seus amigos nos Estados Unidos consideravam importante ir bem na ESCOLA?*

Muito mais importante nos Estados Unidos | Um pouco mais importante nos Estados Unidos | Mais ou menos a mesma importância em ambos os lugares | Um pouco menos importante nos Estados Unidos | Muito menos importante nos Estados Unidos | Não sei ao certo

2. *Em comparação com os estudantes de seu país de origem, o quanto seus amigos nos Estados Unidos consideravam importante ir bem nos ESPORTES?*

Muito mais importante nos Estados Unidos | Um pouco mais importante nos Estados Unidos | Mais ou menos a mesma importância em ambos os lugares | Um pouco menos importante

nos Estados Unidos | Muito menos importante nos Estados Unidos | Não sei ao certo

1. *Em comparação com os estudantes dos Estados Unidos, o quanto seus amigos no exterior consideravam importante ir bem na ESCOLA?*

Muito mais importante no exterior | Um pouco mais importante no exterior | Mais ou menos a mesma importância em ambos os lugares | Um pouco menos importante no exterior | Muito menos importante no exterior | Não sei ao certo

2. *Em comparação com os estudantes dos Estados Unidos, o quanto seus amigos no exterior consideravam importante ir bem nos ESPORTES?*

Muito mais importante no exterior | Um pouco mais importante no exterior | Mais ou menos a mesma importância em ambos os lugares | Um pouco menos importante no exterior | Muito menos importante no exterior | Não sei ao certo

EXPERIÊNCIA DO ESTUDANTE (CONTINUAÇÃO)

1. Você frequentou aulas de MATEMÁTICA durante o seu intercâmbio?

Sim | Não

EXPERIÊNCIA DO ESTUDANTE – AULAS DE MATEMÁTICA

1. Pense nas suas aulas de matemática nos Estados Unidos e na última aula de matemática a que você assistiu na sua própria escola em seu país de origem antes do intercâmbio. Para cada afirmativa, escolha a aula que melhor se encaixa na descrição.

Nosso trabalho em sala de aula era exigente e instigante.

Aula de matemática no meu país de origem | Aula de matemática nos Estados Unidos | A frase descreve ambas as aulas igualmente | Não sei ao certo

Em nossa aula os alunos se mantinham atarefados e não desperdiçavam tempo.

Aula de matemática no meu país de origem | Aula de matemática nos Estados Unidos | A frase descreve ambas as aulas igualmente | Não sei ao certo

Nosso professor não aceitava nada menos do que o nosso esforço máximo.

Aula de matemática no meu país de origem | Aula de matemática nos Estados Unidos | A frase descreve ambas as aulas igualmente | Não sei ao certo

Nosso professor elogiava frequentemente o trabalho dos estudantes.

Aula de matemática no meu país de origem | Aula de matemática nos Estados Unidos | A frase descreve ambas as aulas igualmente | Não sei ao certo

1. *Pense nas suas aulas de matemática no exterior e na última aula de matemática a que você assistiu nos Estados Unidos antes do intercâmbio. Para cada afirmativa, escolha a aula que melhor se encaixa na descrição.*

Nosso trabalho em sala de aula era exigente e instigante.

Aula de matemática no exterior | Aula de matemática nos Estados Unidos | A frase descreve ambas as aulas igualmente | Não sei ao certo

Em nossa aula os alunos se mantinham atarefados e não desperdiçavam tempo.

Aula de matemática no exterior | Aula de matemática nos Estados Unidos | A frase descreve ambas as aulas igualmente | Não sei ao certo

Nosso professor não aceitava nada menos do que o nosso esforço máximo.

Aula de matemática no exterior | Aula de matemática nos Estados Unidos | A frase descreve ambas as aulas igualmente | Não sei ao certo

Nosso professor elogiava frequentemente o trabalho dos estudantes.

Aula de matemática no exterior | Aula de matemática nos Estados Unidos | A frase descreve ambas as aulas igualmente | Não sei ao certo

EXPERIÊNCIA DO ESTUDANTE (CONTINUAÇÃO)

1. Qual foi a maior diferença entre a escola que você frequentou nos Estados Unidos e a escola em que você estudava em seu país de origem imediatamente antes do intercâmbio?

[resposta aberta]

2. Durante o seu intercâmbio, onde se deu a maior parte de sua aprendizagem?

Dentro da sala de aula | Fora da sala de aula | Não sei ao certo

Opcional: Por favor, explique sua resposta.

1. Qual foi a maior diferença entre a escola que você frequentou no exterior e a escola em que você estudava em seu país de origem imediatamente antes do intercâmbio?

[resposta aberta]

2. Durante o seu intercâmbio, onde se deu a maior parte de sua aprendizagem?

Dentro da sala de aula | Fora da sala de aula | Não sei ao certo

Opcional: Por favor, explique sua resposta.

OBRIGADO

Obrigado por responder ao questionário de pesquisa! Por favor, clique em “pronto” para enviar suas respostas.